

## Capítulo IX

### O açude do senhor Antônio de Pinho

Após a morte do marido, Angélica adotou uma menina, Josefa, filha de um casal de Boa Viagem, que já adolescente, foi devolvida à família em 1959. Apesar da pouca idade, Zefinha, como era chamada aquela menina de cor, meiga, tímida e esguia, foi o “braço forte” de Angélica, a quem chamava madrinha, nas lavagens de roupa para fora, no açude do senhor Antônio Pinho, cuja atividade era a garantia do seu sustento.

O açude do senhor Antônio de Pinho, embora construído em sua propriedade e com recursos próprios foi aos poucos se transformando em propriedade coletiva, pois era lá que a comunidade de Monsenhor Tabosa lavava suas roupas, quer em caráter doméstico, quer em caráter profissional, como era o caso das lavadeiras: Dona França Farias, dona Francisca Eufrásio, Dona Maria Luísa do seu Marcelinho, Dona Maria de Jesus e sua filha Maria do Carmo, madrinha Angélica, Dona Luísa do seu Raimundo Beato e suas filhas: Selva, Toinha e Betiza, entre tantas outras, a maioria viúva ou em condições semelhantes, que viam naquela atividade a garantia de suas sobrevivências.

Além das lavadeiras profissionais, outro grande contingente de moças e senhoras da cidade usaram a água da represa para lavar suas roupas e de seus familiares, como era o caso de minhas irmãs. No açude, porém, não se podia tomar banho, o que se fazia pegando água e banhando-se em outro local. Chico Lucas, genro e uma espécie de “procurador” do senhor Antônio de Pinho, morava próximo e fiscalizava diuturnamente o açude para coibir atividades adversas à lavagem de roupa. Dizem que certa ocasião, uma moça da cidade, após lavar sua roupa, resolveu banhar-se no açude, escolhendo um local onde achou que não seria vista pelo Chico Lucas. Ledo engano. Ao ouvir o barulho na água, Chico Lucas gritou à distância – “Quem está tomando banho aí?” – “Sou eu, seu Chico, mas é no raso.” Disse a moça. “Não é para tomar nem no raso, nem no fundo.” Respondeu o “fiscal” do açude.

Conta-se também que um garoto da cidade, conhecido pela sua conduta libidinosa, conhecedor do expediente que as mulheres usavam para tomar banho, convidou um colega para ficarem à espreita e assim assistirem ao “filme”. Ao verem as banhistas em plena descontração reconheceram nada mais, nada menos, que a mãe de um e a irmã do outro. Desapontados os meninos desistiram de seus intentos.

Como já foi dito, o açude do senhor Antônio de Pinho, sempre foi liberado para lavagem de roupa da população da cidade, pois seu proprietário, homem generoso e solidário, nunca impôs restrições ao uso da represa para aquele fim. No entanto em 1959 o Chico Lucas, não sei se por iniciativa própria ou por sugestão de terceiros, resolveu cobrar uma taxa das lavadeiras, algo que em valores atuais, corresponderia a R\$1,00 (Hum real). Nada absurdo, pois afinal fora investido dinheiro na construção do açude, recursos que saíram do bolso do proprietário. As lavadeiras pagavam sem reclamar, pois consideravam uma cobrança justa. Coincidência ou não, o açude começou a baixar suas águas, preocupando sobremaneira, proprietário

e usuários em geral. Dizem que certo dia, o Santiago, um dos filhos do senhor Antônio de Pinho, foi visitar o açude e chegou no exato momento em que estava sendo feita a cobrança da taxa e teria determinado a imediata suspensão de tal procedimento.

A verdade é que o açude do senhor Antônio de Pinho, como ficou consagrada aquela represa, foi de considerável valia para a população de Monsenhor Tabosa, desde sua construção, até seu arrombamento em 1967. Que Deus, em Sua infinita bondade, recompense o seu proprietário a onde ele estiver.

### O Açude do senhor José Donana

Construído em terras do senhor José Donana, por ocasião da reforma da estrada ligando Monsenhor Tabosa a Nova Russas, obra que na realidade, só chegou até o Olho D'água do senhor Rufino Farias, esta represa de menor dimensão do que a do senhor Antônio Pinho, em volume d'água, na minha época não teve a mesma freqüência e utilização pelos habitantes da cidade. Não sei se havia ou não alguma restrição ao seu uso, o certo é que, mesmo sendo mais perto da cidade, havia pouca demanda àquele manancial. Apesar de abundante, a água daquelas represas não eram utilizadas para abastecimento da população, restringindo-se seu uso apenas para lavagem de roupa, como já foi dito. Para o consumo doméstico a população da cidade utilizava-se do "cacimbão de trás" para beber e do "cacimbão do governo" para cozinhar. Não acompanhei a construção do "cacimbão de trás", pois quando me tornei gente, ele já existia. Peguei muita água lá, tanto para minha casa como para os outros, mediante pagamento. O "cacimbão do governo", este sim, acompanhei sua construção, ainda na década de cinqüenta e dentre os operários que lá trabalharam, lembro-me do Antônio Machado, genro do senhor Chico Sipaúba, do Chico e do Orion do seu Regino Nascimento. A verdade é que esses dois reservatórios de água foram de fundamental serventia para os habitantes de Monsenhor Tabosa que hoje contam com o monumental açude da Barra, para o total abastecimento da cidade.

Monsenhor Tabosa que oficialmente passou à categoria de cidade, em 1951, após as denominações de Fazenda Forquilha dos Pretos Teles e Arraial da Telha (Monsenhor Tabosa e suas Histórias página 15), sofreu considerável evolução em seu aspecto físico, econômico e social após sua emancipação, convindo aqui citar, que antes não dispunha sequer, de energia elétrica e hoje conta com hospitais, faculdade, aeroporto e Fórum, entre outros órgãos e segmentos que obviamente oferecem valiosos benefícios à sua população.